

Africanos criticam o Fundo Monetário

Lusaka — Decorre nesta capital a 19ª Conferência Afro-Americana, promovida anualmente sob a égide do Instituto Afro-Americano. Os participantes na conferência teceram fortes críticas às relações econômicas injustas entre os países industrializados e os em vias de desenvolvimento.

Jesse Jackson, figura pública e estadista dos EUA, qualificou a atividade do Fundo Monetário Internacional (FMI) e de outros organismos financeiros do ocidente na África como a continuação da política dos tempos do tráfico de escravos.

Os países africanos, que possuem grandes reservas de recursos naturais, tornaram-se vítimas de acordos injustos e de

receitas econômicas imprestáveis, disse J. Jackson. Agora é indispensável mudar a atitude para com a resolução dos problemas do continente, indicou o estadista norte-americano, tendo-se pronunciado pela ampliação do comércio mutuamente vantajoso entre os países africanos e os países desenvolvidos.

Jesse Jackson manifestou a esperança de que a nova administração dos EUA aumente as sanções contra a África do Sul. Ele ressaltou a importância da observação rigorosa da Resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU sobre a descolonização da Namíbia e exortou os EUA a mudarem em breve a sua política na África. Jesse Jackson destacou o papel do Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul na luta contra o **apartheid** e pronunciou-se pelo alargamento da ajuda a esta organização anti-racista.

Os países africanos atravessam uma crise econômica, em **grande medida, por não** quererem os credores ocidentais reescalonar a dívida dos países em vias de desenvolvimento, declarou o presidente da Universidade de Nova Iorque, John Bradimas.

A crise econômica dos países africanos é agravada pela sua dívida gigantesca, assim como pelos preços elevados dos artigos fabricados no Ocidente, disse o presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda.



Jesse Jackson